FAILURE TO RESCUE, WHAT CAN BE DONE TO PREVENT IT?

Tiago Marçal Pedro Duarte de Brito

M

2021

FAILURE TO RESCUE, WHAT CAN BE DONE TO PREVENT IT?

Dissertação de candidatura ao grau de Mestre em Medicina, submetida ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar – Universidade do Porto

Tiago Marçal Pedro Duarte de Brito

Aluno do 6º ano profissionalizante de Mestrado Integrado em Medicina

Afiliação: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar – Universidade do Porto

Endereço eletrónico: tiago.marcal27@gmail.com

Orientador: Humberto José da Silva Machado

Assistente Graduado Sénior de Anestesiologia – Centro Hospitalar e Universitário do Porto

Professor Catedrático Convidado do Instituto de Ciências Biomédicas Abel de Salazar – Universidade do Porto

Porto, junho 2021

Autor: Tiago Marçal Pedro Duarte de Brito

Tiago Brito

Orientador: Professor Doutor Humberto José da Silva Machado

Humberto Machado

Porto, junho 2021

Para uma das pessoas mais importantes da minha vida e
para o resto da minha vida.
Para uma pessoa que é um exemplo de força, resiliência,
trabalho, mas também de amor, alegria, carinho e bondade.
Para a pessoa que é o meu maior apoio em tudo o que faço.
Para a pessoa que faz de mim um homem melhor.
Para a minha querida Maria.

Agredecimentos

Resumo

Introdução: *Failure to rescue* é a incapacidade de prevenir a morte de um doente após uma complicação. Foi descrito pela primeira vez em doentes cirúrgicos e há poucos artigos sobre doentes médicos nesta matéria. Mede a capacidade de um hospital para prevenir a morte de doentes que desenvolvem uma ou mais complicações que não estavam presentes no momento da admissão, identificando-a e gerindo-a com sucesso. Ora, o objetivo deste estudo é rever os fatores que contribuem para a FTR, bem como as medidas e estratégias que podem ser aplicadas para prevenir os eventos FTR, tanto na deteção como na escalada de cuidados, de forma a discutir a melhor forma de melhorar os resultados dos pacientes no contexto hospitalar.

Métodos: Foi realizada uma pesquisa na PUBMED, obtendo um total de 464 artigos. Foi realizada uma revisão da bibliografia dos artigos selecionados para encontrar outros artigos relevantes. Neste artigo foram revistos 60 estudos.

Resultados: Os fatores dos doentes como maior idade, as comorbilidades e a fragilidade aumentam o risco de FTR. Um número crescente de complicações está também associado a um aumento do FTR. Vários fatores hospitalares, cuidados de enfermagem e fatores microssistémicos relacionados com fatores humanos e a cultura de segurança das instituições influenciam o FTR. Alguns TTS/EWS têm demonstrado prever a deterioração clínica. Por outro lado, os sistemas de *machine learning* superaram os EWS em prever a deterioração e podem ajudar os médicos a fazer intervenções atempadas. A monitorização contínua é outra estratégia que pode melhorar a deteção precoce da deterioração dos doentes. Os RRTs e os METs tornaram-se a abordagem padrão para a realização e escalada dos cuidados, e as ajudas cognitivas e as listas de verificação de crises também têm potencial para ajudar a reduzir o FTR.

Conclusão: Os fatores dos doentes e do hospital são muitas vezes não modificáveis, pelo que os fatores microssistémicos podem ser um alvo para melhoria. Criar vias clínicas e atribuir os mesmos doentes aos enfermeiros pode melhorar a vigilância, e ferramentas de comunicação como a SBAR podem ajudar a transmitir informação. EWS, modelos de *machine learning* e monitorização contínua são estratégias que podem ajudar a detetar a deterioração clínica. A RRT tornou-se o padrão no membro eferente e demonstrou reduzir o FTR. Por último, os benefícios das ajudas cognitivas e das *checklists* de crise poderiam ser estudados, para os aplicar na prática clínica e reduzir e prevenir a FTR.

Palavras-chave: Failure to rescue; early warning score; rapid response team; continuous monitoring.

Abstract

Introduction: Failure to rescue is the failure to prevent a patient's death after a complication. It was first described in surgical patients and there are few articles regarding medical patients in this matter. It measures the ability of an hospital to prevent the death of patients who develop one or more complication that was not present at the time of admission by identifying and managing it successfully. Therefore, the aim of this study is to review the factors that contribute to FTR, and the measures and strategies that can be applied to prevent the FTR events, both in detecting and in the process of escalation of care, in order to discuss the best way to improve patient outcomes in the hospital setting.

Methods: A search was conducted on PUBMED retrieving a total of 464 articles. A review of the selected articles' bibliography was conducted to find other relevant articles. 60 studies were reviewed in this paper.

Results: Patient factors as increasing age, comorbidities and frailty increase the risk of FTR. An increasing number of complications are also associated with an increase in FTR. Several hospital factors, nursing care, and microsystem factors that relate to human factors and institutions' safety culture influence FTR. Some TTS/EWS have been shown to predict clinical deterioration. On the other hand, machine learning systems have outperformed EWS predicting deterioration and can help clinicians make timely interventions. Continuous monitoring is another strategy that could improve early detection of patients' deterioration. RRTs and METs have become the standard approach to delivery and escalation of care, and cognitive aids and crisis checklists also have potential to help reduce FTR.

Conclusion: Patient and hospital factors are often non-modifiable, thus microsystem factors could be a target for improvement. Creating clinical pathways and assigning the same patients to the nurses can improve surveillance and communication tools like SBAR can help relay information. EWS, machine learning models and continuous monitoring are strategies that can help detect clinical deterioration. RRT have become the standard in the efferent limb and have shown to reduce FTR. Finally, the benefits of cognitive aids and crisis checklists could be studied to apply them in clinical practice and reduce and prevent FTR.

Keywords: Failure to rescue; early warning score; rapid response team; continuous monitoring.

List of Abbreviations

cVSM – continuous Vital Sign Monitoring
EWS – Early warning score
FTR – Failure to rescue
ICU – Intensive care unit
MET – Medical emergency team
MEWS – Modified Early Warning Score
NEWS – National Early Warning Score
RRT – Rapid response team
SBAR – Situation, Background, Assessment and Recommendation
TTS – Track and trigger system

Index

List of figures

Introduction

Failure to rescue (FTR) was first described in 1992 by Silber et al as the failure to prevent death after a complication[1-3] in the surgical patients[2,4]. According to Silber et al, there were only 2 formal attempts to develop a medical FTR metric before their own in 2018[4]. It measures the ability of an hospital to prevent the death of patients who develop one or more complication that was not present at the time of admission[4,5] by identifying and successfully managing it[6].

Failure to rescue is an important metric to measure the quality of care of an hospital[7,8] and it is different from the in-patient mortality which describes all patients deaths during hospitalization, and not only the ones related to FTR[5]. On the other hand, FTR rate is calculated using the number of patients with a complication as a denominator and as a numerator the number of patients that died following a complication[8].

The definition of FTR has evolved with time and various definitions have been posted in the literature[2,4], with different specific complications for each one, based on the subpopulation it was applied to[8]. In 2002, Needleman et al[9] described a version that was nursing sensitive, with complications that related to nursing interventions (pneumonia, shock, gastrointestinal bleed, cardiac arrest, sepsis and deep venous thrombosis), and was later termed as FTR-N by Silber[8]. In 2007 the Agency for Healthcare Research and Quality used this last definition, adding one other complication (renal failure), as a patient safety indicator to measure and grade hospital care and was labeled as FTR-A[2,10]. Having various versions of this metric, created for different subpopulations, although it can alter the calculation of the FTR based on which definition is used, can be helpful to evaluate the occurrence of this event in different settings, with different patient particularities more accurately[8]. Even so, having a common definition would serve to use and measure it as a common metric for all hospitals[1].

Failure to rescue is a multifaceted and complex problem, with several risk factors contributing to it[2]. Those factors can be divided into macrosystem factors such as hospital type (academic and critical access), size and volume, technology, resources or staffing ratio and microsystem factors such as intensive care units and rapid response teams composition, hospital culture on teamwork and communication or psychological safety [3,8,11,12]. Furthermore, there are also patient factors that can have an impact on failure to rescue, since complications are primarily associated with their characteristics[2,3,8]. Increased age and frailty have shown to contribute to failure to rescue[8,13], also preexisting comorbidities and the condition of admission can influence the outcome, as well as the performance status at the time of a surgery that conditions the physiologic resiliency to adverse events in the postoperative recovery[3].

In the macrosystem factors, high-volume hospitals are associated with lower rates of FTR[3,8,14,15], although they are not associated with lower complication rates[8], and so was surgeon volume[8,15]. These hospitals are usually teaching hospitals, although the teaching status itself was not clearly associated to a reduction on the FTR rate[15]. The association of volume, whether in hospital volume, or surgeon volume, with lower FTR rates may be associated with infrastructures, care protocols or familiarity with subpopulations of patients, complications and procedures by the nursing staff or by the surgeon's experience with the common postoperative complications that require attention[3,8]. The hospitals with high technology were also related to lower FTR rates[1].

The staffing of the hospital also plays a role in the FTR rate[8]. It is common in hospitals to have decreased staffing during the night or at weekends, particularly in unmonitored units, leading to treatment delays and worse outcomes[8,16]. Specifically, the nursing staff and nurse-patient ratios have been one of the most consistent factors associated with FTR[8]. In the United States, implementation of minimum nurse staffing levels has reduced the FTR rates[10], and several studies show that high nurse-patient ratios are protective against FTR events[8]. Also, the nurse's education has been shown to have an impact on FTR, hospitals with higher proportions of nurses with bachelor's degree or higher have a lower FTR rate[10,17].

When it comes to the microsystem factors, closed intensive care unit (ICU) settings with a larger proportion of certified intensivists have also shown to reduce FTR[1,18]. Also in the microsystem factors, the hospital culture on teamwork and communication, as well as the psychological safety of the team contribute to better outcomes, including FTR[15]. Communication is a very important factor in the quality of care and the nurses and junior physicians must feel comfortable communicating with senior physicians about their concerns[15]. It is important that the healthcare environment culture supports those in direct contact with the patients to provide opportunities for better and timely care to be provided[3]. A common barrier identified in studies that affects the escalation of care, essential when a patient is deteriorating, is the fear of the hierarchy, intimidation or criticism[14]. Teamwork also plays a major role in responding well to complications, by taking advantage of the cognitive diversity of the team members and abolishing traditional hierarchies[12]. Psychological safety is important to reassure confidence to the care providers to speak up, report mistakes, question others and express concerns to higher hierarchic members without fear of any adverse effect[12].

The failure to rescue events can be broken down into a progression from a complication that can be either identified and communicated by an afferent limb to the efferent limb that provides the escalation of care the patient needs, or that can progress to death due to a failure at any point in this circuit[2,8]. The nursing factors and attributes focus mainly on the afferent limb, and the physician factors are mostly on the efferent limb[2]. This concept is the basis of the rapid response

systems, whose principles are early recognition and prompt and appropriate intervention, where the afferent limb refers to the measures that focus on identifying the deteriorating patient, and the efferent limb refers to the interventions to rescue the patient[19].

Patients who require ICU admission from the ward can have changes in measurable clinical variables, like vital signs, up to 48 hours before transfer[20]. The identification of this changes and thus patient deterioration is part of the afferent limb[19]. There are several approaches that can be made for improvement of this limb.

An increase in the times a day nursing surveillance to more than 12 times a day can help recognize early deterioration and improve failure to rescue events[2,10].

Also, there are systems that help nurses to know when to escalate care and also detect changes prior to deterioration, such as early warning scores (EWS), also known as track and trigger systems (TTS)[8,10,20,21]. There are various types of these systems, that can be divided into single parameter, multiple parameter or aggregate weighted systems[20]. The single parameter systems rely on any single deviation of vital signs, laboratory values, urine output or oxygen saturation to trigger a response, and the threshold for classifying the values as abnormal are chosen based on local preferences and expertise[20]. Multiple parameter systems are expanded versions of the single parameter ones, using a combination of abnormal signs to trigger a response[20]. The aggregate weighted systems are the most reviewed and validated EWS or TTS, and they assign points to the degree of deviation of individual physiological variables, combining them to a score, which has thresholds for triggering[20]. In addition, many systems include the facility for triggering on a subjective basis, recognizing the importance of clinical intuition in patient assessment[19].

Another strategy to improve the detection of patients that can be deteriorating is the use of continuous monitoring in general wards[21-23], that can provide dynamic information about the patterns of the vital signs of the patient[24], and there can also be achieved an automation of the calculation of scores to trigger an escalation of care[25]. These automated programs also can be used in the ICU context, where is already continuous monitoring to help prevent FTR events in this setting[26].

The ICU is a setting where FTR can also occur, although it is a setting specialized to care for critically ill patients[6]. In this setting, an implementation of telemedicine ICU nursing can also help improve the outcomes of the patients[27,28].

The efferent limb is just as important as the afferent limb, as it is the response to the trigger and initiates the escalation of care[20]. For this, the implementation of rapid response teams (RRT) or medical emergency teams (MET) arose as a method to provide care to patients that were deteriorating or at risk of deteriorating at their bedside[29]. The continuation of the pathway for some patients is the ICU setting, where, as said before, FTR can also occur[8]. The development of crisis-

checklists can also help the team that is usually with the patient manage an emergency while escalation to a RRT occurs[30].

The afferent and efferent limbs work as a continuous pathway, being both essential for the patient safety and prevention of FTR events[2,3].

In this paper, the aim is to review the factors that contribute to FTR, and the measures and strategies that can be applied to prevent the FTR events, both in detecting and in the process of escalation of care, in order to discuss the best way to improve patient outcomes in the hospital setting.

Materials and Methods

A search was conducted on PUBMED using the following keyword combinations: "failure to rescue health care statistics and numerical data"; "failure to rescue quality"; "failure to rescue rates"; "failure to rescue health care"; "failure to rescue" AND rapid response system; "medical care" AND "failure to rescue"; "failure to rescue" AND deteriorating patient; "failure to rescue" AND general ward; rapid response team AND "failure to rescue"; hospital staffing AND "failure to rescue"; early warning score* AND "failure to rescue"; medical emergency team* AND "failure to rescue"; track and trigger AND "failure to rescue"; "failure to rescue" AND continuous monitoring; "failure to rescue" AND telemedicine; concept OR definition AND "failure to rescue". A review of the bibliography of the articles selected was conducted to find other relevant articles.

A total of 464 articles were found using the mentioned keywords. 60 articles were selected to this revision. Inclusion criteria were: written in English, being a review article, systematic review, retrospective or prospective studies, quantitative studies and qualitative studies. Exclusion criteria were: articles published in other language than English, studies about pediatric or obstetric population, articles where FTR is not the main or one of the main topics, articles comparing surgical procedures or their outcomes, studies about specific clinical or surgical interventions. Timeline: articles were included from the search since 2015. 1 article cited in the reviewed studies was included.
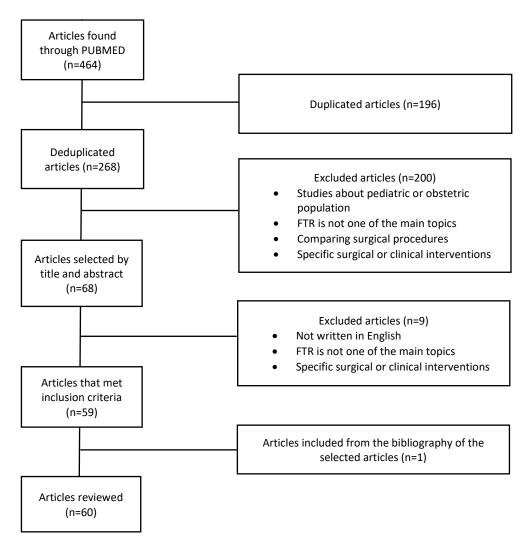
```
┌─────────────────┐
│ Articles found  │
│ through PUBMED  │
│    (n=464)      │
└─────────────────┘
         │
         │              ┌──────────────────────────────────────────────────┐
         ├──────────────│         Duplicated articles (n=196)              │
         │              └──────────────────────────────────────────────────┘
┌─────────────────┐
│  Deduplicated   │
│ articles (n=268)│
└─────────────────┘         ┌──────────────────────────────────────────────────┐
         │                  │         Excluded articles (n=200)                │
         │                  │   •  Studies about pediatric or obstetric        │
         ├──────────────────│      population                                  │
         │                  │   •  FTR is not one of the main topics           │
         │                  │   •  Comparing surgical procedures               │
         │                  │   •  Specific surgical or clinical interventions │
┌─────────────────┐         └──────────────────────────────────────────────────┘
│Articles selected│
│by title and     │
│abstract (n=68)  │
└─────────────────┘         ┌──────────────────────────────────────────────────┐
         │                  │         Excluded articles (n=9)                  │
         │                  │   •  Not written in English                      │
         ├──────────────────│   •  FTR is not one of the main topics           │
         │                  │   •  Specific surgical or clinical interventions │
         │                  └──────────────────────────────────────────────────┘
┌─────────────────┐
│Articles that met│
│inclusion criteria│
│    (n=59)       │
└─────────────────┘         ┌──────────────────────────────────────────────────┐
         │                  │ Articles included from the bibliography of the   │
         ├──────────────────│        selected articles (n=1)                   │
         │                  └──────────────────────────────────────────────────┘
┌─────────────────┐
│Articles reviewed│
│    (n=60)       │
└─────────────────┘
```

Figure 1 – Inclusion/exclusion methodology of articles

Results

In a systematic review by Johnston et al in 2015[14], the values of FTR in the articles reviewed varied from 0,03% to 16,9%. Studies suggest that, in the United States, between 22 000 to 200 000 avoidable deaths occur in hospitals per year[5].

Factors that affect FTR

Patient factors such as increasing age increases the risk of FTR[31]. In a study of trauma population, the risk of FTR increased in a stepwise fashion with increasing age, reaching almost 28-folder higher risk for patients with over 90 years old, and the risk increased significantly from 66 years and higher[31]. The FTR patients in this study also had more commonly comorbidities such as cardiac disease and bleeding disorders. Increased age is associated with the development of more complications, and the number of complications was also associated with a proportional increase in the risk of FTR[31].

In another trauma patients study, Earl-Royal et al[32] aimed to identify pre-existing conditions as risk factors for adverse events and FTR. They found that each decade above 60 years had a higher risk of developing adverse events, and that above age 70 the risk of FTR also increased. Contributors to both development of adverse events and FTR were 70 or more years of age, renal disease, penetrating mechanism of injury, decreased Coma Glasgow Score, and increased Injury Severity Score. Several pre-existing conditions increased the risk of developing adverse events but were not directly associated with FTR. On the contrary, liver disease and coagulopathy were associated with FTR but not with development of other adverse events.

Frailty has also been associated with higher risk of FTR[1,13]. There is an association with increasing frailty and number of complications, and also FTR. Although the increase in FTR can be mediated by the increasing number of complications, as described above, frailty increases the occurrence of FTR by itself. This association is present not only in high-risk surgeries, but also in lower risk operations, although in a smaller scale[13].

Despites an increase in the number of complications being related to a higher risk of FTR[31,33-35], the type of complication can also have an impact[34,35]. In a cohort of emergency general surgery, Hatchimonji et al found that among the patients who died with more than 1 complication, 82,5% had a respiratory and 77,5% had an infectious complication, and although an increasing number of complications associated with higher risk, having an infectious or respiratory complication independently increase the risk for FTR. Furthermore, the impact of having a respiratory and an infectious complication combined is synergistic[34]. Roussas et al, in a cohort for trauma patients, also found that in addition to age, Injury Severity Score, Charlson Comorbidity Index and number of

complications, complications like sepsis, pneumonia, acute respiratory distress syndrome and cardiovascular complications independently increased the risk of FTR[35].

Hospital performance is another factor that is associated with FTR. Hospitals with higher performance, or lower mortality hospitals, have lower FTR rates[36-38]. In a cohort using the Japan Trauma Data Bank, hospitals with higher performance had fewer complications and lower FTR rates, whereas high-mortality hospitals had both more complications and higher FTR rates, indicating that in trauma patients, complications and rescue from a complications can be related to higher performing in these hospitals[36]. In a study of patients undergoing non-cardiac surgery in Veterans Affair hospitals the FTR rate was also higher in the high-mortality hospitals, while the complication rates were not statistically different, suggesting that better performance of hospitals can be associated with better management and rescue from complications[37]. Sheetz et al also found a correlation between high-mortality hospitals and higher FTR rates in a study to determine the effect of hospital characteristics on failure to rescue after high-risk surgery[38].

Hospital volume was also associated as a factor that affects FTR rates in several articles[3,7,14,15,35,39]. In a study using data from 27 countries from patients undergoing surgery in low, middle and high-income countries, hospitals were ranked by volume of surgical procedures and by complication rates. Hospitals with higher volume had lower FTR rates than lower volume and the hospitals with the highest complication rates were not the ones with highest FTR rates[7]. Rosero and colleagues also found that hospitals with lower procedure volume for major abdominal surgery were associated with higher FTR rates[39]. In the Roussas et al study, level 1 trauma centers were associated with lower FTR rates. These centers are more likely to have a higher annual volume, which is consistent with several studies across multiple disciplines relating hospital volume to lower FTR rates[35]. Indeed, according to Slim et al[15], "studies of hospital and surgeon volumes found a statistically significant reduction of 29-77% of FTR".

Sheetz et al[38] results in their study found that teaching status, high hospital technology, increasing nurse-to-patient ratio and presence of an ICU larger than 20 beds influenced FTR rates, offering a survival advantage for patients undergoing major surgery. Roussas et al found hospital factors affecting FTR trauma patients as bed size over 600 and the teaching status, besides being a level 1 center, were independently associated with lower FTR rates[35]. In a study that analyzed FTR in a medical population after acute myocardial infarction, Silber et al found that major teaching hospitals displayed 19% lower odds of FTR than non-teaching hospitals, and that hospitals with a good nursing mix and staffing, cardiac technology and teaching status displayed 33% lower odds of FTR than hospitals without these characteristics[4]. Hospitals with lower FTR rates tend to have more board-certified intensivists and a closed model ICU, higher rates of employing hospitalists, advanced practice providers, residents and presence of overnight coverage and use of rapid

response teams, in a study by Ward and colleagues[18]. The teaching intensity has also been related with better FTR rates[10]. The participation of residents in surgical procedures has also been related with lower FTR rates, especially in cardiothoracic procedures where the residents were more likely to be senior-level residents[33]. Although all these factors are associated with FTR rates, they do not fully explain FTR[1,12].

Afferent limb

Failure to rescue is an outcome that is highly sensitive to nursing care[10]. Implementation in the United States of minimum nurse staffing levels has reduced the FTR rates and in the United Kingdom its use as a nurse sensitive quality indicator has been supported by lower FTR rates in hospitals with better staffing by lower patient-nurse ratios[10]. An increasing of nurse staffing by 10% reduced FTR rates by 4% and hospitals with higher proportions of bachelor's degree also had reduced rates of FTR[10,17]. The introduction of standardized clinical pathways in the perioperative setting can help reinforce increased nursing surveillance and reduce FTR[10]. When nursing surveillance is performed 12 or more times a day, compared with less than 12 times a day, there is a significant decrease in FTR[10].

In a qualitative study[40], abilities of enrolled and registered nurses in recognizing clinical deterioration were found to be influenced by their knowledge of patients, past experiences with clinical deterioration, patient assessment and workload and staffing levels. Most nurses in this study highlighted that being assigned to care for the same group of patients on a regular basis contributed to knowing a patient. Furthermore, continuity in patient assignments can reduce nurse's workload by reducing the need to learn about the patient, and also help develop a connection between nurse and patient. Having an adequate number of experienced nurses on each shift was considered essential, as well as having a supportive ward culture, where nurses have no fear to consult each other or seek for help. Ineffective nursing relationships between enrolled and registered nurses from suboptimal communication and teamwork and ineffective delegation skills can have undesirable consequences for deteriorating patients[40].

Higher levels of staffing are associated with reduction in FTR, both in surgical and medical patients, although the association is not as strong in medical patients[9]. Furthermore, a greater number of hours of nursing care is associated with a reduction in FTR rates[3,9]. In addition, favorable nursing environments, with effective communication between nurses and physicians have lower risk of FTR[3,9,41]. The teamwork between physicians and nurses has even more effect when there is better nurse staffing and education[41]. Rao et al also found that nurse autonomy is associated with a reduction in FTR, and that the higher education of nurses was associated with an enhanced predisposition to exercise their professional judgement in decision making[42].

Improving patient outcomes is more than adding more staff, and the skilled nursing care is important to improve them, as demonstrated by a study aiming to assess the impact of adding assistants in nursing to acute care hospital ward staff, hypothesizing that it would decrease patients' adverse outcomes. On the contrary, failure to rescue, urinary tract infections and falls with injury significantly increased with the addition of the assistants[43].

There have been developed many track and trigger systems, making it very difficult to compare and validate them with each other and across multiple hospital systems[20]. Single parameter systems shown reductions in patient adverse outcomes in small, single center and nonrandomized studies, both in medical and surgical wards, however a large randomized control trial of such a system did not show these benefits[20].

The most reviewed and validated early warning scores are the aggregate weighted scoring systems[20]. These are popular in the United Kingdom and allow a graded response depending on the total score[19]. Systems like the NEWS (National Early Warning Score) published by the Royal College of Physicians of London in 2012[44] has been shown to be a good predictor of deterioration leading to ICU admission or death[19] and to be superior to 33 aggregate weighted scoring systems for detecting mortality, cardiac arrest and anticipated ICU tranfers[20]. In a study by Jarvis et al[44], they concluded that the NEWS triggering the same response with 3 points in any individual parameter as with 5 points in the total score did not lead to improved detection of deteriorating cases, and could lead to alarm fatigue and produce an additional workload that can divert medical care from patients at greater need, and proposed that either the scoring for the 3 points should be reviewed or the response could be an increase of frequency of observation but not to escalate solely on such score. Also, many track and trigger systems include the possibility to trigger escalation on a subjective basis, when staff, family or patient were worried[19]. Analyses of these subjective activations suggests most were due to respiratory observations, where deterioration was too subtle to trigger on a physiologic basis[19].

MEWS (Modified Early Warning Score) is another aggregate weighted scoring system, which have been reported to have a positive relationship with earlier detection of clinical deterioration, however it has limitations. If one of the physiologic parameters is unassessed, ignored, or unreported the patient remains at risk of deterioration, or in comparison, inappropriate trigger scores can activate unnecessary calls, which decrease this tool's effectiveness and increases workloads of bedside nurses, physicians, and rapid response team members[45].

On another study, Jarvis et al[46] hypothesized that deviation from normality was more important than the level of derangement and compared binary EWS, that used only scores of 0 or 1 if there were a deviation from normal, to standard versions of other EWS. The best performing EWS was the binary NEWS, which outperformed the other standard EWS, except for the standard

NEWS. They posted that while earlier detection could be useful to give more time for interventions, a greater number of triggers could also result in latter triggers being ignored due to earlier ones being considered false alarms.

Although these addictive scores like the NEWS or the MEWS are easy to apply and interpret, their accuracy is precluded by using static variable thresholds for a small number of parameters[21]. Also, recording the vital signs on a paper chart has significant potential for inaccuracy, with studies demonstrating that almost 20% of NEWS scores were calculated incorrectly[20]. Using digital handheld devices for electronic charting allows for a faster and more accurate calculation of early warning scores, increasing its alerts accuracy and clinical attendance to the alerts[20].

Prediction tools from electronic medical records have also been used to predict a patient's probability of clinical deterioration up to 2 to 48 hours in advance, and can decrease false alarms by 50%[20]. The electronic Cardiac Arrest Risk Triage that was developed using regression coefficients outperformed MEWS and NEWS in a retrospective analysis of postoperative surgical patients[21]. In a study by Kia et al[47] a machine learning model of patient deterioration was developed that included demographics, vitals, lab results and physical exam findings that had significantly better performance than MEWS and could warn about patient deterioration 6 hours prior to the event and help clinicians make timely interventions, using not only "point in time" measurements, but also prior data and trends.

Continuous monitoring of patients can also improve the early detection of patient's deterioration[21,23]. In a 2016 study[48], Watkins et al demonstrated that continuous multi-parameter monitoring could be performed on medical and surgical units with a small and appropriate level of audible alerts, and that it may have initiated nurse interventions that prevented failure to rescue events. Thus, the nurses surveyed in the study agreed that continuous vital sign monitoring would help enhance patient safety. On other study, 2 types of continuous monitoring technologies were studied, one not necessitating direct patient contact and another one direct patient contact, found that both accurately predicted patient deterioration[23]. Another technology described in another study was the cVSM (continuous Vital Sign Monitoring), which was different that simply telemetry monitoring, that sounds an alarm anytime a parameter breaches a threshold, this has programed delays that allow vital-signs to self-correct to prevent unnecessary alarms, that can lead to staff distraction and alarm fatigue[22]. Nurses were able to identify signs of deterioration early and intervene more quickly, improving patients outcomes[22]. The incidence of FTR using this technology declined to zero and the complication rate decreased from 22% to 5,9%[22].

Another strategy that can improve the afferent limb is the telemedicine ICU implementation, whose nursing interventions have been studied by Williams et al[27], identifying that consultation, education and mentoring by the nurses in this setting helped reduce FTR. On the

contrary, physiological interventions were associated with more cases of FTR, indicating likely late interventions from the tele-ICU or the ICU team.

Efferent limb

The efferent limb can be divided into 2 systems: ramp-up or ramp-down systems[19]. Ramp-up systems are more popular in the United Kingdom, and the magnitude of the initial response is linked with the severity of the patients physiological deviation[19]. The response can start either with a junior doctor or nurse or with an advanced resuscitation team[19]. The ramp-down systems are used normally by American and Australasian rapid response systems, which mobilize maximum resources initially and then can de-escalate once the triage of the patient and the situational needs are assessed[19].

Rapid response teams and medical emergency teams have become the standard approach to the efferent arm in preventing FTR[20]. In many European countries, these teams are represented by ambulance resuscitation teams[15]. There are often variations of the composition of the team, and while earlier studies indicated that the team's structure was not related with the outcomes, more recent evidence suggests that intensivists on RRTs are predictors of better performance and can reduce FTR[10]. The teams are often multidisciplinary and can consist of a critical care nurse, critical care physician and respiratory therapist, depending on the institutional policy[8,49].

According to Fernandez-Moure et al[50], the medical emergency teams are more directed to a specific diagnosis, like cardiac arrest or stroke, and are arranged around those medical diagnoses, as opposed to the rapid response teams, that have to often respond to a medical emergency of unclear origin, without a specific diagnosis. A surgical rescue team can also be important and has shown improved outcomes. Medical patients can also have emergent surgical pathology, that can have a mortality of 100% if they don't undergo surgery, so the concept of surgical rescue can be extended to those patients and acute care surgeons can be established as the surgical RRS for medical patients[11].

Rapid response teams or medical emergency teams are often presented as a factor in hospitals with lower FTR rates[1,18]. In a study that measured the outcomes after the implementation of a rapid response system on a large healthcare jurisdiction[29], it was found that cardiopulmonary arrests, and related deaths, mortality and FTR decreased but at the same rate as before the implementation; however, the mortality in the low-mortality diagnostic-related group subpopulation decreased significantly. Other articles also report that RRTs have reduced hospital mortality, unplanned ICU transfers and unexpected cardiac arrests[21,49,51].

The use of cognitive aids can also help the team in the critical management of the deteriorating patient, with one study in a simulation environment reporting a decreasing in the

percentage of omitted critical management steps of 70%. These cognitive aids are tools to improve expert performance and have potential to help reduce failure to rescue[52]. Besides cognitive aids, the use of checklists structuring responses to clinical deterioration has potential to improve patient care and outcomes, since the first responders on the efferent limb are frequently an assembly of available providers of care with limited experience in managing emergency situations[30].

Discussion

Besides the variation of FTR observed in various studies[14], it's relation with the mortality rate can also be different depending on the care setting that is being analyzed[53]. It depends on the precedence of deaths occurring in the studied setting, with precedence being a complication occurring after the admission[53]. In the trauma setting precedence is lower than 30%[53,54], whereas in elective surgery and emergency general surgery the precedence rate is about 85%[53]. The lower value of precedence in the trauma setting can be explained by the death of some patients due to the injury that led them to that service before any complication can occur[54]. Although the precedence rate in emergence surgery could be thought to be lower due to its similarities in terms of severity and emergency illnesses that patients have in that setting, in a 2020 study by Hatchimonji et al[53], they found that is similar to the rates in elective surgery, thus suggesting that the management of complication in that setting can represent opportunities to prevent mortality.

There is sparce literature regarding FTR in medical population, as noted by Silber et al in 2018, noting that to their knowledge there had only been 2 formal attempts to develop a medical FTR metric before their own[4]. In the present study, another article was found relating to medical population that referred to the creation of a surgical rescue team for medical patients that developed surgical complications[11].

Regarding patient factors that can affect FTR, age has been shown in several studies and in several healthcare settings to be associated with FTR, particularly in trauma populations[1,8,15,31,32,54,55]. Besides being associated independently with FTR, increasing age also relates with the risk of developing a cluster of complications, which also increases the risk of FTR[31]. Theories linking the increasing age with increasing mortality in trauma patients relate to decreased physiological reserve, polypharmacy and frailty[32]. Some strategies to minimize the impact of complications in the geriatric population in trauma care are a multidisciplinary approach to care of these patients, with early geriatric consultation, early admission to a highly monitored setting or having availability of a trauma bed in the surgical ICU for elderly trauma patients, as well as a higher nurse-to-patient ratio for this patients, in order to recognize the potential complications early and preventing them[31].

Besides age, frailty is also associated with FTR[1,8,13], and some authors argue that it can be a more reliable risk factor for FTR than age itself[1]. Similarly to increasing age, increasing frailty is also associated with the development of more complications[13]. Therefore, it is important to identify these patients, that are not necessarily all elderly, since patients in the highest strata of frailty can also be under 55 years, in order to increase attentiveness to them and improve FTR rates[1,3,8]. Also,

prehabilitation programs have shown to be effective in reducing postoperative complications in these patients can be beneficial, although it is not yet demonstrated they reduce FTR[3,13].

The comorbidities are also an important factor, since they contribute to the occurrence of complications[41,54], but also to FTR[3,15,31,32,55]. In emergency general surgery specific comorbidities such as congestive heart failure, renal failure, ascites and disseminated cancer have been associated with higher rates of FTR[1], as well as the number of comorbidities[53]. In trauma patients, the comorbidities associated with FTR are not consensual between studies, in a study the comorbidities associated with FTR were cardiac disease and bleeding disorders[31], whereas in another study, several comorbidities were associated with the development of complications, but only renal disease, liver disease and coagulopathy were associated with FTR, and reported that in other studies diabetes was also a risk factor for FTR[32].

The traditional FTR metric only accounts for one complication, and if there are multiple occurrences, the only counted one is the first[8,34,54]. Yet, the risk of FTR increases in a stepwise fashion with the number of complications[31,33-35] and besides, the traditional approach may miss differences in what followed the index complication and death[34]. This supports a conceptual model for the occurrence of FTR in which a patient has an initial complication that leads to a cascade of other complications, resulting in the patient's death[3]. Certain index complications have been shown to be related to an increased risk for particular secondary complications, as myocardial infarction followed by cardiac arrest[34], and there is significant variation between some index complications and the following secondary complications[3]. Secondary complications play an important role between the first complication and mortality, therefore it is important that an initial complication signals a potentially important change in the patient status and timely and appropriate treatment is initiated to reduce the risk of additional complications and mortality[3]. Having increased attention and provide prompt and appropriate treatment to patients with specific complications such as respiratory, infectious or cardiovascular complications may also be important, since these independently increase the risk for FTR[34,35].

Hospital performance, in terms of mortality, is also related to FTR, being high-mortality hospitals associated with higher FTR rates[36-38]. Massarweh et al[37] found that there were no significant differences in complication rates across the performance quintiles of hospitals in their study, however the FTR rate was lower in better performing hospitals, suggesting that these hospitals can be associated with better management and rescue from complications. In addition, in the time period of 15 years, the rates of FTR decreased about 40% in all quintiles of performance, and these results were concordant with reductions along time in the private sector as well. A possible explanation for this is the participation in quality improvement programs can improve the outcomes, and also that peri and postoperative care has improved over time.

Higher hospital volume and surgeon volume is associated in several articles with lower FTR rates[3,7,8,14,15,35,39]. This may be related to the infrastructures, care protocols, both formal and informal, nursing staff being familiar with determined patient populations, procedures and complications, and the surgeon's experience with common postoperative complications that require timely attention and intervention[8]. The centralization or regionalization of care can contribute to reducing FTR, due to this relation between volume and FTR and possibly by reducing variations in practice[15,35].

Several other hospital factors have been shown in several studies, across different settings, to reduce the risk of FTR, such as the teaching status and intensity of teaching, high hospital technology, having an intensive care unit larger than 20 beds, having over 600 beds, higher nurse-to-patient ratio, good nursing mix and staffing, with higher rates of employing hospitalists, advanced practice providers and residents, having overnight coverage, using rapid response teams and having board certified intensivists and a closed model ICU[4,10,18,33,35,38]. However, these factors, along with the patient factors, do not completely explain the variation of FTR between hospitals[1,8,12], on top of that many of these hospital factors are often not easily alterable because of financial constraints[12].

Other factors that can help explain the occurrence of FTR are the microsystem factors[3,8], that relate to human individual factors, for example the staff behavior and attitudes, and the safety culture at the institution level, that relates to the values, beliefs, norms, and traditions of the organization[39]. These microsystem factors can act as barriers in proper escalation of care, that comprises the identification of deterioration, effective communication, and an adequate response[39,56,57]. The identification of deterioration can be negatively affected by clinical inexperience, high workload, and overconfidence, whereas communication and be impaired by hierarchical barriers, fear of criticism, a desire for independence and frequent interruptions in clinical work[39]. In a study by Smith et al[12], 5 microsystem characteristics were identified as being important to the rescue of surgical patients: teamwork – teams with cognitive diversity and abolished traditional clinical hierarchies are useful for successful teamwork, action taking – immediate diagnostic and therapeutic action should be taken after the identification of an issue, psychological safety – feeling comfortable in speaking up, question colleagues, reporting mistakes and crossing hierarchies to reveal concerns, recognition – early recognition of complications, and communication – timely and effective communication, with direct and consistent format. Despite emerging evidence that suggests that focusing on improving these factors may be a more prosecutable way to improve care, even in large scale interventions[1,12,15,38,58], there is still few data their contribution to reduce FTR[18,39].

Team resource management, that derives from crew resource management training in aviation, aims to improve the teamwork and communication in healthcare by addressing communication principles for speaking up, leadership support, teamwork, evidence-based practices, just culture and patient centeredness[2,5,10], and it also involves simulation training where the whole team train in simulated crisis scenarios[10]. Simulation training is a growing practice in healthcare, and has potential in help preventing FTR, by allowing to identify and review contributing factors and practice skills to prevent FTR[2]. Additionally, teamwork strategies practiced in these trainings help nurses to see the whole picture in a determined situation, and communicate within hierarchical structures[2]. Also, simulation sessions that are interdisciplinary help build a safety culture between disciplines, improving teamwork[2]. Besides improvements in the perception of teamwork by healthcare practitioners, improved patient outcomes have also been shown when multidisciplinary safety programs are implemented[10].

The nursing care has also been consistently associated with FTR[1-3,8-10]. A better nurse staffing has been shown to improve FTR, not only in quantity of nurses, but also in the nurses' education, being higher proportions of nurses with bachelor degree associated with lower FTR rates[1,10,17,41]. The nursing skill mix, or the proportion of registered nurses, also has an impact on FTR, being a higher proportion also associated with a reduction in FTR[4,59]. It is important to state that the quantity of staff for itself may not be sufficient to improve patient outcomes, as demonstrated in a study by Twigg et al, where the addition of assistants to nurse care in a acute ward setting actually increased FTR, thus emphasizing the importance of quality nursing care[43]. There is also an association with increased surveillance and decreasing FTR, with more than 12 nurse assessments reducing FTR[10]. In order to improve surveillance, creation of clinical pathways may be a strategy to implement[10].

Staffing levels, workload, past experiences with clinical deterioration and knowing a patient has been associated with the ability to recognize deterioration by nurses[40]. A strategy that may improve the recognition of clinical deterioration is assigning nurses to care for the same group of patients on a regular basis, reducing their workload and the need to learn about the patient, and also help them develop a connection with the patients[40].

The teamwork and communication are also important in what comes to nursing care, both with registered and enrolled nurses, and also in the nurse-physician relationship[3,9,40,41]. This last can be optimized in various ways, by implementing interactive multidisciplinary rounds, maintaining professional standards and using conflict resolution strategies[10]. Furthermore, using tools like SBAR, that stands for Situation, Background, Assessment and Recommendation helps relay information in a structured and succinct form, and improves confidence when managing emergent situations and

calling for help[2,10]. Some centers have also introduced the ISBAR, that contains an Introduction to make sure that those who are participating in the handover and the patient are well identified[10].

In a study from 2016 analyzing four case scenarios, Jones and Johnstone[60] reported that inattentional blindness – the failure to things that are in plain sight due to being unexpected – could be a salient yet overlooked human factor in FTR across critical care. This study highlighted the difficulty of maintaining attention and watchfulness while repeatedly performing a task, even to expert clinicians.

There is contradictory evidence in the literature regarding the use of early warning scores, while some authors claim they are not reliable in determining those patients who will deteriorate and those who won't[8], and others say they have led to a reduction in preventable adverse outcomes and are well established across the globe[51]. Many track and trigger systems have been developed, making it hard to compare them and validate them with each other and across different hospital systems[20].

There are 3 types of track and trigger systems, single parameter systems, multiple parameter systems, and aggregate weighted systems[20]. Although ingle parameter systems shown reductions in patient adverse outcomes in small, single center and nonrandomized studies, both in medical and surgical wards, they were unable to show these results in a large randomized control trial[20].

The most validated and reviewed EWS are the aggregate weighted systems, like NEWS and MEWS[20]. NEWS has been shown to be a good prediction of deterioration that could lead to intensive care unit admission or death[19], and MEWS has been shown to have a positive relation with earlier detection of clinical deterioration[45]. However, these systems also have limitations, since the scores are usually defined manually, alarm triggers are based on empirically chosen values, and the thresholds are usually defined to capture the most clinically relevant events, which can result in non-specific alerts and false alarms generating alarm fatigue[47]. In addition, regarding NEWS, the response that is triggered with 3 points in any component triggers the same response as an aggregate value of 5 points, on the other hand, the latter indicates a significantly higher risk[44]. This alarm triggering increases the workload with discrete improvements in detection of deterioration, increasing the risk of alarm fatigue and diversion of medical care from patients who could potentially have a greater need[44]. Alternatives to improve this would be either defining more extreme values for scoring 3 points based on levels at which the risk is similar to an aggregate score of 5 or increasing the frequency of observation of patients with 3 points on a single component rather than immediately escalate care[44]. It was hypothesized that the occurrence of a derangement was more important than its degree, and that a binary EWS, that only scores 1 or 0 could be more effective than traditional EWS, however the binary NEWS, the best performing of the binary

systems, was still outperformed by the traditional EWS and although they could lead to earlier detection, providing more time for interventions, the number of early false alarms could result in latter triggers being ignored[46]. In addition to the scoring of several parameters, some TTS also include triggering alarms on a subjective basis when staff, family or patient are worried, giving importance to clinical intuition as a part of patient assessment[19].

Implementing digital handheld devices for electronic charting can be a good strategy to improve the performance of TTS, since that recording vital signs on a paper chart has potential for inaccuracy and errors in calculation[20]. These devices have shown to allow for a faster and more accurate calculation of EWS, and the automatic calculation and embedded alerts was associated with an increase in accuracy and attendance to patients with high EWS scores[20].

Electronic medical records, that consist of a clinical data repository as vital signs, laboratory test results, severity of illness scores, among other parameters, can be used by prediction tools and automated detection programs, as machine learning models, in order to calculate the probability of clinical deterioration before it happens and send an alert to a clinician[20,21,26,47]. Machine learning models have shown to outperform EWS systems as NEWS and MEWS as they may allow for better early identification of decompensating patients[1,21,47]. Notwithstanding, these models depend on the quality and quantity of the data used to train them, and may promote a false sense of security, over-triage, or recommend ineffective or harmful treatment if the training is poorly done, and an errant model could harm a great number of patients, while clinicians errors only affect one patient at a time[21].

Continuous monitoring of vital signs can improve early detection of clinical deterioration and help initiate interventions that prevent FTR[21-23,48]. There are various technologies that can be used, with direct or not direct patient contact, or that delay the alarm set off, providing some time to deviations in vital signs to normalize in order to prevent alarm fatigue and distractions[22,23]. There are some barriers for the implementation of such technologies as inadequate training or unfamiliarity with them, challenges in incorporating them into the clinical workflow, or budget restrictions, but there are also facilitators such as education to these systems, valuing how these technologies worked in the hospital they are being implemented in, tailoring them and integrating them into existing workflows and receiving regular feedback about progress[23]. There is still needed research in this area about which parameters should be captured, or if all patients should be monitored or specific types of patients[24].

There is evidence that incorporation of telemedicine ICU nurses in best practice initiatives in the ICU can reduce hospital length of stay and improve adherence to practices that avoid FTR[28]. Their intervention on education, consultation and mentoring was identified as helping reduce FTR, however their physiological interventions were associated with more cases of FTR, probably due to

late interventions from the tele-ICU or the ICU team[27]. In order to further prevent FTR, it may be useful to clarify the tele-ICU nurse's role in order to prevent delays and support proactive clinical practice, and also further study their impact on patient outcomes[28].

Rapid response teams and medical emergency teams have become the standard approach to the efferent arm, becoming more prevalent in hospital systems overtime[20]. Their constitution may vary in different institutions, but they are typically multidisciplinary and comprise a critical care physician, a critical care nurse and a respiratory therapist at minimum[8,49]. Although older evidence suggested there was no difference in outcomes in having an intensivist as part of the rapid response team, more recent evidence shows that intensivists used on rapid response teams are predictors of high performance and may improve FTR[8,10]. The use of these teams in hospitals is often associated as a factor for having lower FTR rates[1,18], and it has been demonstrated that they have reduced hospital mortality, unplanned ICU admissions and unexpected cardiac arrests, and have also reduced mortality in a low-mortality diagnostic-related group subpopulation, that can be a more sensitive indicator of FTR[18,19,21,49,51].

Cognitive aids aim to improve communication, teamwork and leadership and the surgical safety culture and accelerate escalation of care and optimize resuscitation by lowering omitted management steps, and therefore have potential to reduce FTR[52]. Despite the potential benefit in implementing this strategy to reduce FTR, there is still not a widespread use in clinical practice[52]. Implementation of crisis checklists also has the potential to improve patient outcomes by structuring the responses to clinical deterioration by the first responders in the management of common emergencies while escalation to rapid response teams occur[30].

Key Learning Points

- Patient characteristics such as age, frailty, and comorbidities are risk factors for the occurrence of FTR, and increased surveillance to these patients, and prehabilitation programs for frail patients may help reduce the risk of FTR.

- Centralization of care may help reduce FTR, due to the relationship seen between hospital volume and FTR rates.

- Several hospital factors are related to FTR, however they may be difficult to change and improve. On the other hand, the focus on microsystem factors, although their contribution to FTR still needs further study, may be a more feasible way to improve patient outcomes, using strategies as team resource management training with simulation sessions and implementation of multidisciplinary safety programs.

- Creation of clinical pathways and assigning the same group of patients consistently to nurses may help improve surveillance and recognition of clinical deterioration. Also, tools like SBAR can be used by nurses to improve communication, since it helps relay information in a structured and succinct form and improves confidence in managing emergent situations and calling for help.

- Aggregate weighted systems, such as NEWS and MEWS are the most reviewed and validated early warning scores and have been shown to have a positive relation with earlier detection of clinical deterioration, however they are not without limitations, and can lead to alarm fatigue and diversion of medical care from patients who might need it due to false alarms. The implementation of digital handheld devices for electronic charting with automatic calculation of scores and embedded alerts, in detriment of paper charts, is associated with an increased accuracy and attendance to patients with high EWS scores.

- Machine learning systems have shown to outperform traditional EWS systems and may lead to a better early identification of patient deterioration, however they depend on the quality and quantity of data used to train them, and an errant system could harm a greater number of patients.

- Continuous monitoring of patients may also help improve early detection of clinical deterioration and initiation of interventions that prevent FTR.

- Rapid response teams and medical emergency teams have shown to have a positive relation with reduction of FTR and the use of intensivists in these teams may also improve FTR.

- Cognitive aids and use of crisis checklists also have potential to help reduce FTR, although their use is not widespread in clinical practice.

Conclusion

In conclusion, there are several strategies that may help prevent the occurrence of FTR.

Patient and hospital factors are many times hard to modify, therefore a focus on improving microsystem factors through team resource management training, simulation sessions and implementation of multidisciplinary safety programs may be a way of reducing FTR. Even so, additional investigation to the microsystem factors contribution for FTR would be interesting to further understand their importance.

Furthermore, the creation of clinical pathways and assignment of the same group of patients consistently to nurses may contribute to improve nursing surveillance and recognition of clinical deterioration, and the use of communication tools like SBAR may help relay information and improving confidence in managing emergent situations and calling for help.

Regarding track and trigger systems, there is contradictory information in the literature, and the amount of EWS makes it difficult to compare them and validate them. Nonetheless, aggregate weighted systems are the most reviewed and validated ones, despite their limitations. Howbeit, machine learning systems have shown to outperform EWS systems and could be a good strategy to prevent FTR. In that matter, studies to understand the best machine learning model and it's applicability to different settings of care could be interesting.

Continuous monitoring could also be a strategy to improve patient outcomes by detecting early clinical deterioration, however there is still need for insight on which patients would benefit this type of monitoring and which parameters should be assessed.

In the efferent limb, rapid response teams have become the standard and have shown to help reduce FTR.

Finally, randomized trials to assess the benefits of cognitive aids and crisis checklists could also be important to assess their benefits and if they are proven, using them more widely in clinical practice in order to prevent and reduce FTR.

Bibliography

1.   Lafonte M, Cai J, Lissauer ME. Failure to rescue in the surgical patient: a review. *Curr Opin Crit Care* 2019; 25(6): 706-11.

2.   Mushta J, K LR, Andersen E. Failure to rescue as a nurse-sensitive indicator. *Nurs Forum* 2018; 53(1): 84-92.

3.   Portuondo JI, Shah SR, Singh H, Massarweh NN. Failure to Rescue as a Surgical Quality Indicator: Current Concepts and Future Directions for Improving Surgical Outcomes. *Anesthesiology* 2019; 131(2): 426-37.

4.   Silber JH, Arriaga AF, Niknam BA, Hill AS, Ross RN, Romano PS. Failure-to-Rescue After Acute Myocardial Infarction. *Med Care* 2018; 56(5): 416-23.

5.   Bacon CT, McCoy TP, Henshaw DS. Exploring the Association Between Organizational Safety Climate, Failure to Rescue, and Mortality in Inpatient Surgical Units. *J Nurs Adm* 2021; 51(1): 12-8.

6.   Sharoky CE, Martin ND, Smith BP, et al. The Location and Timing of Failure-to-Rescue Events Across a Statewide Trauma System. *J Surg Res* 2019; 235: 529-35.

7.   Ahmad T, Bouwman RA, Grigoras I, et al. Use of failure-to-rescue to identify international variation in postoperative care in low-, middle- and high-income countries: a 7-day cohort study of elective surgery. *Br J Anaesth* 2017; 119(2): 258-66.

8.   Hatchimonji JS, Kaufman EJ, Sharoky CE, Ma L, Garcia Whitlock AE, Holena DN. Failure to rescue in surgical patients: A review for acute care surgeons. *J Trauma Acute Care Surg* 2019; 87(3): 699-706.

9.   Needleman J, Buerhaus P, Mattke S, Stewart M, Zelevinsky K. Nurse-staffing levels and the quality of care in hospitals. *N Engl J Med* 2002; 346(22): 1715-22.

10.   Burke JR, Downey C, Almoudaris AM. Failure to Rescue Deteriorating Patients: A Systematic Review of Root Causes and Improvement Strategies. *J Patient Saf* 2020.

11.   Briggs A, Peitzman AB. Surgical Rescue in Medical Patients: The Role of Acute Care Surgeons as the Surgical Rapid Response Team. *Crit Care Clin* 2018; 34(2): 209-19.

12.   Smith ME, Wells EE, Friese CR, Krein SL, Ghaferi AA. Interpersonal And Organizational Dynamics Are Key Drivers Of Failure To Rescue. *Health Aff (Millwood)* 2018; 37(11): 1870-6.

13.   Shah R, Attwood K, Arya S, et al. Association of Frailty With Failure to Rescue After Low-Risk and High-Risk Inpatient Surgery. *JAMA Surg* 2018; 153(5): e180214.

14.   Johnston MJ, Arora S, King D, et al. A systematic review to identify the factors that affect failure to rescue and escalation of care in surgery. *Surgery* 2015; 157(4): 752-63.

15.   Slim K, Veziant J, Amalberti R. How to reduce failure to rescue after visceral surgery? *J Visc Surg* 2021.

16.   Churpek MM, Edelson DP, Lee JY, Carey K, Snyder A. Association Between Survival and Time of Day for Rapid Response Team Calls in a National Registry. *Crit Care Med* 2017; 45(10): 1677-82.

17.   Audet LA, Bourgault P, Rochefort CM. Associations between nurse education and experience and the risk of mortality and adverse events in acute care hospitals: A systematic review of observational studies. *Int J Nurs Stud* 2018; 80: 128-46.

18.   Ward ST, Dimick JB, Zhang W, Campbell DA, Ghaferi AA. Association Between Hospital Staffing Models and Failure to Rescue. *Ann Surg* 2019; 270(1): 91-4.

19.   Patel S, Gillon SA, Jones DA. Rapid response systems: recognition and rescue of the deteriorating hospital patient. *Br J Hosp Med (Lond)* 2017; 78(3): 143-8.

20.   Shiloh AL, Lominadze G, Gong MN, Savel RH. Early Warning/Track-and-Trigger Systems to Detect Deterioration and Improve Outcomes in Hospitalized Patients. *Semin Respir Crit Care Med* 2016; 37(1): 88-95.

21.   Loftus TJ, Tighe PJ, Filiberto AC, et al. Opportunities for machine learning to improve surgical ward safety. *Am J Surg* 2020; 220(4): 905-13.

22.   Verrillo SC, Cvach M, Hudson KW, Winters BD. Using Continuous Vital Sign Monitoring to Detect Early Deterioration in Adult Postoperative Inpatients. *J Nurs Care Qual* 2019; 34(2): 107-13.

23.   Dykes PC, Lowenthal G, Faris A, et al. An Implementation Science Approach to Promote Optimal Implementation, Adoption, Use, and Spread of Continuous Clinical Monitoring System Technology. *J Patient Saf* 2021; 17(1): 56-62.

24.   Verrillo SC, Winters BD. Review: Continuous Monitoring to Detect Failure to Rescue in Adult Postoperative Inpatients. *Biomed Instrum Technol* 2018; 52(4): 281-7.

25.   McGrath SP, Perreard I, Ramos J, McGovern KM, MacKenzie T, Blike G. A Systems Approach to Design and Implementation of Patient Assessment Tools in the Inpatient Setting. *Adv Health Care Manag* 2019; 18.

26.   Despins LA. Automated Deterioration Detection Using Electronic Medical Record Data in Intensive Care Unit Patients: A Systematic Review. *Comput Inform Nurs* 2018; 36(7): 323-30.

27.   Williams LS, Johnson E, Armaignac DL, Nemeth LS, Magwood GS. A Mixed Methods Study of Tele-ICU Nursing Interventions to Prevent Failure to Rescue of Patients in Critical Care. *Telemed J E Health* 2019; 25(5): 369-79.

28.   Williams LS, Nemeth LS, Johnson E, Armaignac DL, Magwood GS. Telemedicine Intensive Care Unit Nursing Interventions to Prevent Failure to Rescue. *Am J Crit Care* 2019; 28(1): 64-75.

29.   Chen J, Ou L, Flabouris A, Hillman K, Bellomo R, Parr M. Impact of a standardized rapid response system on outcomes in a large healthcare jurisdiction. *Resuscitation* 2016; 107: 47-56.

30.   Subbe CP, Kellett J, Barach P, et al. Crisis checklists for in-hospital emergencies: expert consensus, simulation testing and recommendations for a template determined by a multi-institutional and multi-disciplinary learning collaborative. *BMC Health Serv Res* 2017; 17(1): 334.

31.   Barmparas G, Martin MJ, Wiegmann DA, Catchpole KR, Gewertz BL, Ley EJ. Increased Age Predicts Failure to Rescue. *Am Surg* 2016; 82(11): 1073-9.

32.   Earl-Royal E, Kaufman EJ, Hsu JY, Wiebe DJ, Reilly PM, Holena DN. Age and preexisting conditions as risk factors for severe adverse events and failure to rescue after injury. *J Surg Res* 2016; 205(2): 368-77.

33.   Ferraris VA, Harris JW, Martin JT, Saha SP, Endean ED. Impact of Residents on Surgical Outcomes in High-Complexity Procedures. *J Am Coll Surg* 2016; 222(4): 545-55.

34.   Hatchimonji JS, Swendiman RA, Kaufman EJ, et al. Multiple Complications in Emergency Surgery : Identifying Risk Factors for Failure-to-Rescue. *Am Surg* 2020; 86(7): 787-95.

35.   Roussas A, Masjedi A, Hanna K, et al. Number and Type of Complications Associated With Failure to Rescue in Trauma Patients. *J Surg Res* 2020; 254: 41-8.

36.   Abe T, Komori A, Shiraishi A, et al. Trauma complications and in-hospital mortality: failure-to-rescue. *Crit Care* 2020; 24(1): 223.

37.   Massarweh NN, Kougias P, Wilson MA. Complications and Failure to Rescue After Inpatient Noncardiac Surgery in the Veterans Affairs Health System. *JAMA Surg* 2016; 151(12): 1157-65.

38.   Sheetz KH, Dimick JB, Ghaferi AA. Impact of Hospital Characteristics on Failure to Rescue Following Major Surgery. *Ann Surg* 2016; 263(4): 692-7.

39.   Rosero EB, Modrall JG, Joshi GP. Failure to rescue after major abdominal surgery: The role of hospital safety net burden. *Am J Surg* 2020; 220(4): 1023-30.

40.   Chua WL, Legido-Quigley H, Ng PY, McKenna L, Hassan NB, Liaw SY. Seeing the whole picture in enrolled and registered nurses' experiences in recognizing clinical deterioration in general ward patients: A qualitative study. *Int J Nurs Stud* 2019; 95: 56-64.

41.   Kang XL, Brom HM, Lasater KB, McHugh MD. The Association of Nurse-Physician Teamwork and Mortality in Surgical Patients. *West J Nurs Res* 2020; 42(4): 245-53.

42.   Rao AD, Kumar A, McHugh M. Better Nurse Autonomy Decreases the Odds of 30-Day Mortality and Failure to Rescue. *J Nurs Scholarsh* 2017; 49(1): 73-9.

43.   Twigg DE, Myers H, Duffield C, Pugh JD, Gelder L, Roche M. The impact of adding assistants in nursing to acute care hospital ward nurse staffing on adverse patient outcomes: An analysis of administrative health data. *Int J Nurs Stud* 2016; 63: 189-200.

44.   Jarvis S, Kovacs C, Briggs J, et al. Aggregate National Early Warning Score (NEWS) values are more important than high scores for a single vital signs parameter for discriminating the risk of adverse outcomes. *Resuscitation* 2015; 87: 75-80.

45.   Roney JK, Whitley BE, Maples JC, Futrell LS, Stunkard KA, Long JD. Modified early warning scoring (MEWS): evaluating the evidence for tool inclusion of sepsis screening criteria and impact on mortality and failure to rescue. *J Clin Nurs* 2015; 24(23-24): 3343-54.

46.   Jarvis S, Kovacs C, Briggs J, et al. Can binary early warning scores perform as well as standard early warning scores for discriminating a patient's risk of cardiac arrest, death or unanticipated intensive care unit admission? *Resuscitation* 2015; 93: 46-52.

47.   Kia A, Timsina P, Joshi HN, et al. MEWS++: Enhancing the Prediction of Clinical Deterioration in Admitted Patients through a Machine Learning Model. *J Clin Med* 2020; 9(2).

48.   Watkins T, Whisman L, Booker P. Nursing assessment of continuous vital sign surveillance to improve patient safety on the medical/surgical unit. *J Clin Nurs* 2016; 25(1-2): 278-81.

49.   Hall KK, Lim A, Gale B. The Use of Rapid Response Teams to Reduce Failure to Rescue Events: A Systematic Review. *J Patient Saf* 2020; 16(3S Suppl 1): S3-s7.

50.   Fernandez-Moure J, Pascual JL, Martin ND, Rodgers H, Kaplan LJ. Emergency response teams in and outside of medicine-structurally crafted to be worlds apart. *J Trauma Acute Care Surg* 2019; 86(1): 134-40.

51.   Munroe B, Curtis K, Balzer S, et al. Translation of evidence into policy to improve clinical practice: the development of an emergency department rapid response system. *Australas Emerg Care* 2020.

52.   Koers L, van Haperen M, Meijer CGF, et al. Effect of Cognitive Aids on Adherence to Best Practice in the Treatment of Deteriorating Surgical Patients: A Randomized Clinical Trial in a Simulation Setting. *JAMA Surg* 2019; 155(1): e194704.

53.   Hatchimonji JS, Kaufman EJ, Stoecker JB, Sharoky CE, Holena DN. Failure to Rescue in Emergency Surgery: Is Precedence a Problem? *J Surg Res* 2020; 250: 172-8.

54.   Chung JJ, Earl-Royal EC, Delgado MK, et al. Where We Fail: Location and Timing of Failure to Rescue in Trauma. *Am Surg* 2017; 83(3): 250-6.

55.   Warnack E, Pachter HL, Choi B, et al. Postinjury Complications: Retrospective Study of Causative Factors. *JMIR Hum Factors* 2019; 6(3): e14819.

56.   Ede J, Jeffs E, Vollam S, Watkinson P. A qualitative exploration of escalation of care in the acute ward setting. *Nurs Crit Care* 2020; 25(3): 171-8.

57.   McGovern KM, Wells EE, Landstrom GL, Ghaferi AA. Understanding Interpersonal and Organizational Dynamics Among Providers Responding to Crisis. *Qual Health Res* 2020; 30(3): 331-40.

58.   Ghaferi AA, Wells EE. Improving Postoperative Rescue Through a Multifaceted Approach. *Surg Clin North Am* 2021; 101(1): 71-80.

59.   Twigg DE, Kutzer Y, Jacob E, Seaman K. A quantitative systematic review of the association between nurse skill mix and nursing-sensitive patient outcomes in the acute care setting. *J Adv Nurs* 2019; 75(12): 3404-23.

60.   Jones A, Johnstone MJ. Inattentional blindness and failures to rescue the deteriorating patient in critical care, emergency and perioperative settings: Four case scenarios. *Aust Crit Care* 2017; 30(4): 219-23.